

Wednesday on our minds

Marcus do Rio Teixeira

O título é uma referência óbvia à canção “Friday on my mind”, *hit* dos anos 60, regravada por David Bowie no seu álbum seminal *Pin Ups*. Nada mais adequado para um comentário sobre uma série que utiliza várias referências – à própria série original, aos filmes de adolescentes e ao cinema de terror, ao qual presta homenagem.

Wandinha, nome da protagonista na versão brasileira da *Família Addams*, não é uma escolha ruim. Na série, o nome é adequado à personagem, uma criança que, enquanto tal, evoca ideais de inocência e doçura, mas que logo revela um gosto pela morbidez e pelo sadismo que eleva os traços da família à enésima potência. Nessa versão, Wandinha não é mais uma criança e, sim, uma adolescente de 16 anos, o que acrescenta ares de rebeldia ao seu habitual estilo *weirdo*, mantendo, como convém, uma atitude gélida e indiferente a respeito da euforia adolescente que a cerca.

Jenna Ortega, que interpreta Wandinha, tem poucos anos a mais que ela, o que confere certo realismo à personagem. Ao mesmo tempo, sua interpretação acrescenta um ar de precocidade à garota, que parece sempre mais madura do que os seus coetâneos, encarando com uma expressão *blasée* os ritos de passagem da adolescência. Para quem não sabe (eu me incluo entre os que não tinham essa informação), a atriz acumula papéis em filmes de terror, mas nunca havia sido dirigida por alguém do porte de Tim Burton.

Os restantes membros da família ocupam um papel menor na série, porém as poucas cenas em que aparecem são um espetáculo à parte, pela escolha do elenco. Catherine Zeta-Jones interpreta Mortícia, papel que já foi de Anjelica Huston. Não há por que fazer comparações – trata-se de duas excelentes atrizes, perfeitas para representar a musa de Gomez Addams, cujo papel coube a Luís Guzmán. Creio que ele ficou perfeito, dada a aparência vulgar que confere ao personagem, o que acentua o contraste com a sensual Mortícia. Porém, nesse caso, a comparação com o inesquecível Raul Julia lhe é desfavorável. Quanto à escolha de Fred Armisen para o papel de Uncle Fester, não merece comentários. Um bônus para os fãs (e uma justa homenagem) é a presença de Christina Ricci, que já interpretou Wandinha, no papel da professora de Botânica. Ah! E convidar Gwendoline Christie, a eterna Brienne de Tarth, para o papel da diretora da escola foi uma excelente ideia! As cenas dela com seus 1,91 m, ao lado da baixinha Jenna são divertidíssimas!

A escolha de Tim Burton pela Netflix para dirigir metade dos episódios da série merece todos os elogios. De início, cheguei a pensar que o fato de ele não haver escrito o roteiro seria um ponto desfavorável, mas mudei de opinião ao terminar de assistir à série. Trabalhar com um roteiro pronto, além de instigar a sua criatividade, permitiu dosar o habitual estilo sombrio do diretor. Essa dosagem atinge a medida correta, sem a pieguice da Disney, que o constrangeu a transformar *Alice no País das Maravilhas* em uma ofensa à memória de Lewis Carroll. Burton, aliás, se queixa terrivelmente da Disney e afirma que jamais voltará a trabalhar para o estúdio. Ao contrário dessa experiência desagradável, desta vez, a fórmula deu certo, e o tom sombrio do diretor se ajusta perfeitamente ao alívio cômico do roteiro. O resultado é uma espécie de Harry Potter *dark*, que agrada a adolescentes, adultos e, quem sabe, crianças.

Mas por que Wandinha caiu no gosto do público e bate recordes de audiência? Meu palpite é que a resposta está no quanto a personagem destoa da moral vigente na atualidade. Enquanto todo mundo hoje se preocupa em não ofender ninguém, Wandinha ofende a todos o tempo todo, deliberadamente e com nítido prazer. Já existe um movimento da parte dos adeptos do moralismo político no sentido de recuperar essa atitude, enxergando nela um lado positivo a partir da escolha dos alvos da personagem: homens brancos machistas, personagens históricos representantes da opressão religiosa contra as mulheres, etc. Ao fazer essa “leitura”, esquecem propositalmente do desprezo com que Wandinha recebe qualquer tentativa de classificá-la. Desde o primeiro momento em que é apresentada às diversas categorias de seres – vampiros, lobisomens, sereias, etc. – que compõem os alunos da Academia Nunca Mais, ela responde a essa apologia da diversidade com um “me poupe”.

Contardo Calligaris interpretou, certa vez, os mutantes – outro tema presente em filmes de sucesso – como uma metáfora das transformações que os adolescentes experimentam nos seus corpos e os levam a se sentir como seres de outra espécie. Ocorre que o cinema, sempre absorvendo influências da época, cria, ele próprio, suas metáforas, conscientemente. Assim, as várias espécies de seres estranhos e excluídos [*outcasts*] representam, de forma explícita, as diferentes tribos adolescentes. Wandinha, por sua vez, implode essa metáfora quando se lixa para todas as tribos. Não há como convertê-la em uma heroína dos excluídos.

Mais uma vez, há uma tentativa de recuperar essa atitude antissocial como uma demonstração do “empoderamento” da personagem feminina. Com a palavra, Burton: “Quando você está sendo quem realmente é, você não precisa ficar esfregando suas

credenciais, de feminista ou de qualquer outra coisa, na cara dos outros”. Wandinha é uma personagem que resiste à assimilação e enquadramento em qualquer programa político, seja qual for.

Freud, que nunca deu importância ao cinema, mas dedicou páginas famosas à literatura, dizia que a habilidade do escritor consiste em representar as nossas fantasias e nos dar a possibilidade de vê-las realizadas pelos personagens sem experimentar culpa. Ora, a interpretação freudiana vale para o cinema – e sua versão atual, as séries. O próprio Burton afirma que foi atraído pela série porque compartilha a visão de mundo de Wandinha. O que ele denomina “visão de mundo” pode ser entendido como a fantasia de tratar o seu entorno como ela o faz, algo que as convenções sociais não permitem.

Notem que a formulação freudiana não enseja nenhuma recuperação moralista. Mesmo aqueles que enxergam nela uma concepção “subversiva” da arte, por contrariar as convenções sociais, não percebem que não há fantasias “do bem”, que se insurgiriam contra esta sociedade em busca de outra melhor. Freud se refere às fantasias como essencialmente egoístas, movidas por um desejo sexual ou de dominação. Na impossibilidade de realizá-las, resta o consolo da arte. Melman diz que o ar de depressão e tédio dos adolescentes – daí o apelido maldoso de “aborrecentes” – se deve à perda da crença infantil de que a vida de adultos lhes reservaria a realização dos seus desejos e à triste constatação de que não devem esperar nada semelhante.

Mas quem pensa que Wandinha é só frieza e agressividade ante o mundo se engana redondamente. A convivência com os colegas produz uma fagulha de ternura – minúscula, quase invisível, como diz sua professora, mas uma fagulha. Um exemplo é sua relação com Enid, a “lobismenina”, sua colega de quarto. Quando Enid sai para seu primeiro encontro com seu *crush*, ela diz: “Se ele partir seu coração, eu queimo ele na bala”. Se isso não for ternura, eu não sei o que é ternura.

